

# Cardoso Pires / Lobo Antunes

## A balada de um fado chamado escrever

São os dois operários da escrita. Amigos, também. "Recolhidos" desde há tempos para fazer nascer mais uma história, mais um livro, José Cardoso Pires (o da "Balada da Praia dos Cães") e António Lobo Antunes (o do "Fado Alexandrino") encontraram-se frente a frente, mataram saudades, riram muito e... conversaram. Assim.



Cardoso Pires (à esquerda) e Lobo Antunes, frente-a-frente

O diálogo inicia-se com saudações de circunstância:

Lobo Antunes: Olá Zé, há quanto tempo é que eu não te via!?... Eh pá, já tinha saudades tuas...

Cardoso Pires — É. A gente mete-se nos livros e depois... Tens ido ao cinema?

LA — Não... Queria ir ver o...

CP — ... Eu fui ver o "Amadeus" e é uma daquelas coisas extremamente chatas. Tem uma grande interpretação que é a do tipo que faz de Salieri, mas o resto... Ainda por cima, do ponto de vista biográfico, aquilo está completamente aldrabado. Os gajos fazem do Mozart um estúpido, um maluco. Depois, tem a parte das cartas pornográficas que é gira.

LA — É. Realmente notável.

CP — ... Mas, não há mais nada. Tudo o que Mozart teve de fantástico não aparece ali. O filme é feito na perspectiva reaccionária de que o génio nasce génio. E é uma desgraça! Agora tu pegas na crítica e páras. É que não houve um único crítico que tivesse posto uma restrição ao "Amadeus"

LA — ... Pois! Mas não é só em relação aos filmes. A crítica comporta-se assim em relação ao teatro, aos livros... É afinal a velha questão: quem são os críticos em Portugal? Uma pessoa lê as críticas estrangeiras — por exemplo aos nossos livros — e são completamente diferentes. São transparentes, são claras.

CP — É verdade. Ainda agora saiu uma crítica à "Balada" em Itália e é impressionante!... Em dez linhas, com simplicidade, com clareza, está lá tudo. Em Portugal... Onde é que tu vês isso?

LA — Pois!...

CP — ... Há, no entanto, um tipo que consegue fazer crítica. Não sei se tu estás de acordo, mas o gajo sabe pegar num livro e criticá-lo. É o Gaspar Simões. O velho Gaspar Simões. Tu lês uma crítica do Gaspar Simões e percebes se ele gostou ou não gostou.

LA — É isso mesmo!

CP — E depois... há mais. Qualquer crítico quer encontrar (e diz que encontra) na obra que critica, aquilo que não existe na sua. O que é que isto dá? Dá no terrorismo cultural. E cada vez se vai menos ao teatro, cada vez se lê menos, cada vez se vai menos ao cinema...

LA — Pois! E essa situação traduz-



se a vários níveis. A atribuição de prémios, por exemplo, feita pelos críticos...

CP — Mas há coisas mais graves. Na atribuição deste prémio em Tróia — eu gostava de lá ter ido, mas não pude — houve alguém que disse que aquele prémio era grande demais em dinheiro. Quer dizer: o escritor miserável é que interessa. As pessoas não nos dão o direito a beber e a comer. É uma infâmia estar aqui a beber um Whiskie. Mas o crítico, o ensaísta, o “prof” têm direito a tudo. E se é verdade que foi a Maria Alzira Seixas que disse isso, então, realmente, ela não sabe nada do que é a Europa e o Mundo. Não sabe os prémios que há em todo o Mundo. Qual é o objectivo de dizer-se que mil contos é muito para um prémio de literatura? Sabes? Eu não sei... Mas é o discurso que existe no nosso País em relação aos escritores. Portam-se todos como provincianos. Ontem, mijavam-se perante a França, hoje mijam-se face à América e, a maior parte deles, não sabe sequer falar inglês...

LA — ... (Risos). Talvez ela quizesse dizer que o prémio era grande demais para o livro que ganhou... Mas aqui já são os jogos e os interesses que se movem... De resto, estou de acordo contigo. O escritor em Portugal é considerado, ou desconsiderado, como o marginal, o parasita...

CP — ... Que os governos o considerem assim, já faz parte da história. Só que, agora, são pessoas que estão dentro da literatura que falam do escritor nesses termos. Isso é que é grave. Um

polícia do orçamento pode dizer que mil contos é muito para um prémio literário. Um polícia da literatura não pode fazê-lo. As pessoas não reconhecem ao escritor o direito de viver apenas da escrita. Já reparaste nisso?

LA — Eu não sei até que ponto é que as coisas não estão a mudar um bocadinho com a tradução dos livros de escritores portugueses para o estrangeiro. Não são muitos. Até porque o “boom” da nova literatura portuguesa centra-se apenas em alguns (e poucos) nomes novos.

CP — Em todo o caso, tu que lês literatura, como eu, no original em inglês e em francês, sabes que nunca Portugal teve, na ficção, uma variedade tão grande, tão plural, como agora. Hoje, temos obras com uma construção mais rica, mais original do que jamais tivemos e também melhores do que a França, a Espanha e a Inglaterra. Não tenho a menor dúvida sobre isso.

LA — ... Pois, mas...

CP — ... Vais-me dizer que têm uma repercussão pequena. É verdade. Mas isso é outro ponto. A repercussão não é tão proporcional ao valor literário. Está ligada a outros factores, de ordem política, económica, social...

LA — Na última feira do livro, em Frankfurt, dizia-se claramente que literaturas inovadoras, na Europa, eram a portuguesa, a alemã...

CP — A Alemanha Ocidental!?!...

LA — Sim. E é realmente verdade...

CP — ... E isso sem ter a protecção de ninguém. Quem é que nos protege?

Ninguém. Nada. Antes pelo contrário. Atacam-nos. Olha o IVA...

LA — E tudo. Deixa lá que um dia ainda vão dar aos críticos o prémio que o escritor ganhou...

CP — ... (Risos). Admira-te! E já viste quem faz parte do júris?

LA — Claro. Os críticos, quando deviam ser escritores, que sabem do ofício e...

CP — Oh António, um prémio é sempre polémico. Uma coisa que a gente nunca espera, e eu já tive dois e sei... Atribuir injustamente um prémio, é coisa que não me choca. O que me choca é a ideia que se tem do escritor, do livro, uma coisa simples que se escreve no intervalo do almoço, ou numas férias...

LA — (Risos). Eu não sei se os leitores da revista sabem, suponho que sim, que um romance custa os olhos da cara!...

CP — Acho que não sabem. A imagem que se lhes costuma dar é a contrária, a de que escrever não custa nada. Um banqueiro que foi ao lançamento da “Balada” perguntou-me o que é que eu fazia na vida. Respondi-lhe que escrevia e ele atacou-me de imediato com uma observação inteligentíssima: “E isso dá?”

LA — Dar não dá...

CP — Dá estas “alegrias” que temos estado a contar e... Mas olha que eu não sei se já não tinha parado se as coisas fossem mais fáceis. É esta realidade, escandalosa, que me espicaça, estimula.

LA — Estava a pensar, até que ponto nós não temos culpa na imagem que se fez do escritor. Até que ponto não

## Escrever

somos os responsáveis desse estatuto que nos querem "vestir"...?

CP — *Claro que sim. Tu berras, eu grito, mas a maioria das pessoas percebe o tal "terrorismo cultural" e quer estar do lado dele. É mais fácil. E falar d'alto paga-se... Como toda a gente sabe.*

LA — Mas a estupidez é total... Se temos agora alguma coisa para exportar, são livros portugueses. E os estrangeiros compram. Estão a interessar-se, traduzem livros portugueses. Mas... deixa-me dizer-te. Desde que aqui cheguei, a este teu escritório, que me lembro do Apollinaire. Ele vivia num quinto andar, com uma vista espantosa sobre Paris e quando queria escrever ia para a cozinha e virava-se para a parede. Eu também sou assim... Não te é difícil escrever com uma vista destas, não te perdes com a beleza do mar, do céu, desta paisagem toda?

CP — *Não... Acho que quando o tipo escreve (comigo acontece assim) fecha-se completamente, qualquer que seja a paisagem... mas quando se acaba de escrever, precisa-se de uma coisa que encha os olhos, bonita. Digo eu. Porque se calhar não é assim. Seguindo as mentalidades dos grandes "senhores" o escritor não precisa de nada. Já o Salazar pensava assim e, por isso, é que ainda hoje alguns professores da Faculdade aconselham os alunos a não comprarem os nossos livros. Dizem que é suficiente lerem a página tal fotocopiada num sítio qualquer...*

LA — Pois... E depois vêm ainda explicar-nos aquilo que a gente escreveu...

CP — *Claro. Para eles, a gente não sabe o que escreveu. Eles é que sabem. Descubrem cada coisa que... Juro-te, deve acontecer-te o mesmo, eu fico espantado com as coisas que eles dizem que eu escrevi e que não escrevi... Com as coisas que eles vão descobrir... E quais são os resultados deste ensino? Está à vista: nunca os estudantes foram tão analfabetos, tão desinteressados pela literatura como hoje.*

LA — E se nos lêem ficam a odiar-nos, por terem que nos dividir em orações e coisas nesse género...

CP — *Isso foi o pior que nos aconteceu! Essa colonização francesa deu cabo da gente todos!... Tu já viste a facilidade com que as pessoas conseguem contradizer o óbvio; a facilidade com que fazem interpretações completamente opostas do que está lá. Este exercício masturbante — que é a ilusão de uma análise metodológica — é a castração da criatividade.*

LA — ... Se fosses mais violento ainda eras mais verdadeiro. Mas temos algumas alegrias. Os leitores, o interesse dos editores estrangeiros, apesar de não termos o exótico do Brasil, que os atrai muito. Não temos selvas, bichos raros...



CP — *Pois!*

LA — Mas eu não tenho dúvidas em afirmar que temos melhores escritores contemporâneos que os brasileiros. A que é que se deve isso? Ao 25 de Abril? Ao abandono de alguns escritores aos padrões franceses? A primeira coisa tua que li foram os "Caminheiros". Tu não gostas que se fale do que escreves, mas é verdade. Fiquei espantado, surpreendido. Era completamente diferente, tinha outro cheiro, outro sabor. Não tinha nada a ver com aquilo que os outros escritores portugueses escreviam. Para mim, os "Caminheiros" foram muito importantes...

CP — *... Tu tens reparado no que nos tem chegado de França?*

LA — Tenho uma história para te contar. Estava a dar uma volta a França para um lançamento de um livro e, numa universidade de grande prestígio, perguntei aos professores de literatura porque é que não havia romancistas novos franceses. Sabes o que é que responderam. É verdade: "Estamos à espera de um novo Lamartine". Fiquei parvo. É uma resposta trágica.

CP — *É verdade. Costuma-se dizer que "de Espanha nem bom vento, nem*

*bom casamento". Eu penso o contrário: "de Espanha, bom vento e bom casamento". Por isso, também, acho que "tudo o que vem de França, rança..." É verdade. Não aguenta muito tempo. Porque nós só importamos o mau. Olha para a Rádio e para a Televisão portuguesas... Eu não me importo nada com "enlatados" desde que eles sejam bons, até gosto. O que me chateia é o "pseudo-rock", que "vendem" à juventude assim... É preciso ouvir o que está por trás. É que as colonizações só existem quando trazem o mau. Quando se importa o bom não é colonização. Abençoada América do Norte que nos dá aquela literatura. Maldita América do Norte que nos dá aquela porcaria de música...*

LA — *É isso...*

CP — *... Péssima França que só tem mandado escritores insuportáveis, que não se conseguem ler, que não sabem contar uma história...*

LA — Olha que a crítica ainda não percebeu isso. Ainda não deu conta que escrever um romance é contar uma história. É saber contar uma história.

CP — *Como, aliás, no cinema. Um filme é uma história, não é um assunto. Pois olha que ainda outro dia, um colega nosso, um escritor português, dizia que livros que tivessem história...*

LA — *... eram de intriga...*

CP — *Lembras-te disso? Curiosamente ele é que escreve com intriga, não percebo porquê...*

LA — Sabes... lembrei-me agora de um sentimento que começa a existir entre pessoas que fazem a mesma coisa: a camaradagem. Antes vivia-se num ambiente de inveja, desconhecimento total. Hoje, pelo menos entre algumas pessoas, não é assim. Vão nascendo amizades. E são reais, bonitas. Isso apesar da rivalidade e da má língua... Este encontro é um bom exemplo. Estamos aqui, como já estivemos tantas vezes... É lembres-te das coisas que algumas pessoas tentaram fazer antes de nos conhecermos? Dos venenos que meteram?

CP — *(Risos). Mas olha que esses "venenos" também vêm (se calhar até na maioria) de fora, de gente que não tem nada a ver connosco. A escrita é um acto solitário. O escritor tem como local de trabalho o seu canto, a sua casa, e não um local onde trabalham vários escritores, como nas outras profissões. Isso faz com que a gente, entre si, não tenha muita convivência. As vezes nem chegamos a conhecer-nos... Os que estão fora aproveitam isso e nascem os ditos e os não ditos e...*

LA — ... A verdade é que nos sobra muito pouco tempo para viver. Escrever ocupa-nos muito tempo. A gente anda a bater com a cabeça nas paredes, a emendar, a modificar, a procurar e... sobra-nos pouco tempo. Isto acaba por ser idiota. A Maria Velho da Costa perguntava outro dia: "Já reparaste como isto é idiota. A vida lá fora e nós fechados a fazer redacções e...".



(Gargalhadas).

LA — Mas Zé, é isso. Há quanto tempo é que eu não te via? Acabamos por nos encontrar só entre os livros.

CP — ... *E nessa altura andamos a viver para o próximo. Como dizia um amigo meu, é como em relação às mulheres. Contava ele que o trabalho de ir para a cama com uma mulher, nunca é durante ou depois, é antes. É tempo que se gasta em telefonemas, jantares, passeios, o tempo que se gasta em conhecer, em viver. E a escrita é isso. Não se pode escrever sem conhecer. Tu tens de escrever uma cena de amor. Tu ficas angustiado... Já houve milhares de gajos a escreverem uma cena de amor, a humanidade inteira sabe o que é uma cena de amor... Já viste o tempo que gastas a escrever a "tua" cena de amor? Escrever uma frase demora horas, que não têm nada a ver com a frase...*

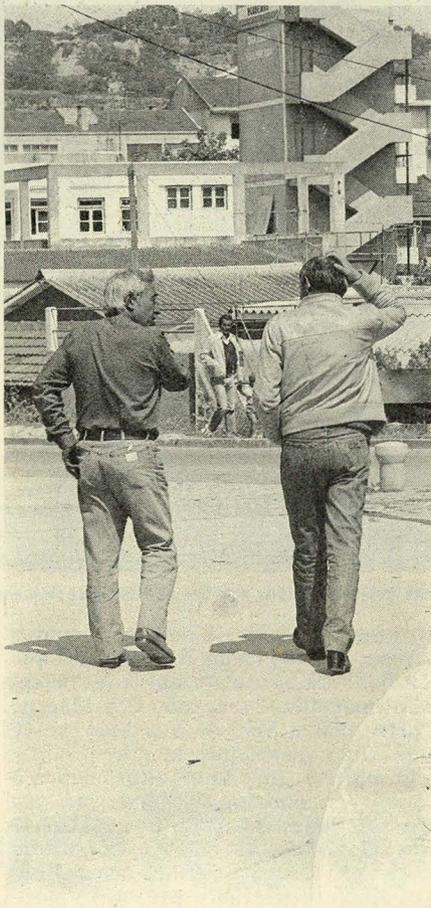
LA — Quando perguntaram ao Picasso quanto tempo ele demorou a pintar um determinado quadro, respondeu: "O tempo que demorei a pintá-lo, mais todos os anos da minha vida". E é isso.

CP — *Por isso, é que todo o criador tem de ser um tipo humilde. Enquanto que o indivíduo que consome...*

LA — Isso doi-me. Um gajo está uma noite, dois, quatro dias com uma frase e depois, o leitor vai ler aquilo na cama e passa por cima da frase num segundo...

CP — *Às vezes nem lê.*

LA — É terrível...! Se eu, passado



uns tempos, volto a ler os meus livros? Não. Nunca li nenhum livro meu. Nem as traduções. Não tenho tido tempo, quero fazer outras histórias... Tu fizeste alterações a um deles pelo menos...

CP — *Pois!... Ainda não estou bem seguro, mas acho que essas alterações não devem ser feitas. A primeira edição corresponde à temperatura com que o livro foi feito. Depois... É difícil voltar a essa temperatura e... Fiz alterações uma vez, mas hoje penso que não vou repetir...*

LA — ... Até porque cada livro tem a sua idade...

CP — *Sim. Há uma expressão francesa de que eu gosto muito — "La main heureuse". Todos nós temos a nossa mão feliz, mas não é todos os dias, nem em todos os momentos. Repetir a mão mais tarde, é sempre perigoso. Às vezes até se cortam os dedos.*

LA — Claro. Embora o nosso sonho fosse fazer coisas perfeitas. Melhorar o nosso trabalho, porque ninguém escreve só para agora. Escreve-se para hoje, mas também para amanhã e para depois...

CP — *É isso. Mas verdade é que cada escritor escreve só um livro. Por muitos que publique, é apenas um livro que ele escreve. Eu sei o livro que tu estás a escrever agora e tu não me disseste nada. Como tu sabes o que eu ando a escrever, e eu também não te disse nada. As linhas, os vícios, estão lá desde o princípio. Até ao fim.*